

Veredas

Revista de Estudos Linguísticos

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/index>

Ensino de pronomes demonstrativos no Ensino Médio Técnico sob o olhar funcional-textual

Teaching demonstrative pronouns in Technical High School from a functional-textual perspective

Dennis Castanheira¹, Tainá Lyrio²

Universidade Federal Fluminense – Brasil, Universidade Federal Fluminense – Brasil

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir uma intervenção didática sobre pronomes demonstrativos realizada em uma turma de Ensino Médio sob a visão teórica funcional-textual. Para isso, utilizamos os pressupostos do Funcionalismo norte-americano e da Linguística de Texto em interface a fim de defender o ensino de língua portuguesa a partir de exemplos de usos reais contextualizados e da integração entre as práticas de leitura e análise linguística/semiótica. Utilizamos a metodologia de pesquisa-ação para execução da investigação, que foi feita em uma turma de uma escola de Ensino Médio Técnico, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* Maracanã. Nossos resultados indicam que a intervenção foi muito bem-sucedida, com todo o planejamento cumprido e a demonstração de que a abordagem funcional-textual é um caminho possível e seguro no ensino de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE:

Pronomes demonstrativos. Ensino. Abordagem funcional-textual.

ABSTRACT

This study aims to discuss a didactic intervention on demonstrative pronouns carried out in a high school class, grounded in a functional-textual theoretical perspective. To this end, we draw on assumptions from North American Functionalism and Text Linguistics in interface, in order to support the teaching of Portuguese based on examples of real, contextualized language use and on the integration of reading practices with linguistic/semiotic analysis. The investigation was conducted using an action research methodology and implemented in a class at a Technical High School, specifically at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro, Maracanã campus. The results indicate that the intervention was highly successful, with all planned activities completed and clear evidence that the functional-textual approach represents a feasible and reliable path for Portuguese language teaching.

KEYWORDS:

Demonstrative pronouns. Teaching. Functional-textual approach.

Recebido em: 01/04/2026

Aceito em: 14/08/2026

¹ E-mail: denniscastanheira@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>

² E-mail: tainalyrio@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4309-4000>

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir uma intervenção didática sobre pronomes demonstrativos realizada em uma turma de Ensino Médio sob a visão teórica funcional-textual. Para isso, utilizamos os pressupostos do Funcionalismo norte-americano e da Linguística de Texto em interface a fim de defender o ensino de língua portuguesa a partir de exemplos de usos reais contextualizados. Utilizamos a metodologia de pesquisa-ação para execução da investigação, que foi feita em uma escola de Ensino Médio Técnico, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

O Funcionalismo norte-americano é uma teoria que defende que a gramática deve ser analisada como uma estrutura moldada pelo discurso. Assim, a linguagem é fruto das adaptações comunicativas e a estrutura pode ser explicada considerando a comunicação. De acordo com Cunha (2008, p. 157), essa abordagem se preocupa em “estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Postulados como gramaticalização, informatividade e (inter)subjetividade fornecem instrumentos para compreender a gramática ligada aos usos linguísticos em interação.

Já a Linguística do Texto, ao longo dos últimos anos, passou a adotar uma visão sociocognitiva e interacional, em que o texto é entendido como um processo, em que fatores linguísticos, visuais, sonoros, sociais e mentais são ativados de modo conjunto, como esclarecem autores, como Beaugrande (1997), Cavalcante (2011) e Koch e Elias (2016). Dessa forma, o texto passa a ser concebido como um evento comunicativo, em que se entrelaçam variadas dimensões linguísticas, cognitivas, sociais e culturais. Essa concepção reforça a centralidade do contexto e da construção de sentidos como processos dinâmicos e situados.

A aproximação entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto no ensino, defendida por Castanheira (2020; 2022), é um caminho seguro, pois contribui para o desenvolvimento de atividades que aliam leitura e análise linguística/semiótica, possibilitando a observação e a sistematização dos fenômenos gramaticais no texto. Com isso, amplia a discussão da relação forma-função, a compreensão do papel do discurso e possibilita um ensino mais contextualizado, em que o texto seja objeto central e não apenas “pretexto” (Santos; Riche; Teixeira, 2025).

É nesse horizonte que se insere o presente trabalho. Nossa proposta articula o estudo dos pronomes demonstrativos à leitura por meio da crônica “Inimigos”, de Luis Fernando Verissimo. A escolha do gênero crônica é motivada pelo seu caráter híbrido e crítico, que, ao mesmo tempo, promove a reflexão sobre relações humanas e possibilita a exploração de recursos linguísticos em contextos discursivos, bem como se alia aos conteúdos da turma em que foi realizada a pesquisa. Por meio de atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais e das reflexões de Andrade (2019), buscamos trabalhar os pronomes demonstrativos aliados à referência e às características do gênero.

Para tanto, esclarecemos que, além desta introdução, apresentaremos a revisão da literatura realizada, discutiremos os pressupostos teóricos que alicerçam a pesquisa à luz da visão funcional-textual e apresentaremos a metodologia usada. Posteriormente, focalizaremos a intervenção didática realizada, bem como iremos expor nossas considerações finais e as referências bibliográficas citadas ao longo da pesquisa. Pretendemos, com isso, contribuir para a discussão acerca do ensino de pronomes demonstrativos aliado à leitura de modo contextualizado.

2. Pronomes demonstrativos nas gramáticas e no uso

A presente revisão tem como propósito examinar a concepção acerca dos pronomes demonstrativos segundo diferentes visões. Inicialmente, discutiremos a visão tradicional. Um tratamento relevante para a classe dos demonstrativos é oferecido por Celso Cunha e Lindley Cintra, que dedicam um estudo sistemático aos pronomes demonstrativos, os quais são definidos, de modo geral, como elementos linguísticos que situam a pessoa ou a coisa designada “relativamente às pessoas gramaticais”, podendo marcá-las no espaço ou no tempo (Cunha; Cintra, [1985]2008, p. 342). A função essencial dos demonstrativos é, segundo os autores, a de indicar algo sem o nomear, característica denominada função dêitica, proveniente do termo grego *deiktikós*, “próprio para demonstrar”. Essa função é entendida como o traço distintivo fundamental dessa categoria pronominal.

Além dessa propriedade referencial ligada ao ato de enunciação, os autores também assinalam que os pronomes demonstrativos exercem um papel anafórico, ao “lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar” (Cunha; Cintra, [1985]2008 p.

342). Assim, as funções dêitica e anafórica constituem, para os gramáticos, os usos básicos dos demonstrativos no português. A primeira se relaciona à situação concreta de fala, em que os interlocutores compartilham um espaço e um tempo específicos; a segunda, ao contexto textual, em que há remissão ou antecipação de termos ou ideias já expressas.

No que se refere à morfologia, Cunha e Cintra (2008) distinguem os demonstrativos em formas variáveis (masculinas e femininas) e formas invariáveis, ou neutras. As variáveis incluem “este”, “esta”, “estes”, “estas”, “esse”, “essa”, “esses”, “essas”; e “aquele”, “aquela”, “aqueles” e “aquelas”. Já as invariáveis correspondem a “isto”, “isso” e “aquilo”. Essa diferenciação, de base estrutural, é complementada pela indicação de que os demonstrativos podem exercer tanto função adjetiva, quando modificam um substantivo, quanto substantiva, quando substituem o nome. As formas neutras (*isto, isso, aquilo*), por sua vez, são sempre pronomes substantivos.

Quanto aos valores gerais dos pronomes demonstrativos, Cunha e Cintra ([1985]2008, p. 343) estabelecem um sistema ternário que os correlaciona às três pessoas do discurso. Assim, “este” (“esta”, “isto”) indica a primeira pessoa e designa o que está próximo de quem fala, bem como o tempo presente; “esse” (“essa”, “isso”) corresponde à segunda pessoa, designando o que está próximo do interlocutor ou o tempo passado/futuro pouco distante; e “aquele” (“aquela”, “aquilo”) se associa à terceira pessoa, denotando o que está distante de ambos os interlocutores ou um tempo remoto.

Apesar dessa estrutura sistemática, Cunha e Cintra ([1985]2008, p. 345) reconhecem que tais distinções “não são rigorosamente obedecidas na prática”, observando que o uso real da língua frequentemente desafia o esquema teórico. Destacam que, na “linguagem animada”, os falantes tendem a empregar “este” para se referir a entidades ou situações emocionalmente próximas, ainda que distantes no espaço ou tempo; do mesmo modo, “esse” pode ser usado com valor depreciativo ou de afastamento afetivo, mesmo diante de objetos fisicamente próximos. Essa observação demonstra certa sensibilidade dos autores ao caráter pragmático da língua, embora o tratamento permaneça essencialmente descritivo e normativo.

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2009) propõe uma definição abrangente para os pronomes, concebendo-os como uma classe que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. Para o autor, os pronomes se caracterizam semanticamente pelo fenômeno da dêixis, compreendida como o ato de “apontar para” – um gesto verbal que estabelece relações de referência a

elementos do contexto ou do discurso.

Ao tratar especificamente dos pronomes demonstrativos, Bechara (2009, p. 200) afirma que “são os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso”. Essa localização, de acordo com o autor, pode se dar “no tempo, no espaço ou no discurso”, abrangendo, portanto, dimensões tanto físicas quanto textuais da referência. Assim, o sistema demonstrativo da língua portuguesa é apresentado em três eixos básicos de pessoa: primeira pessoa, representada por *este*, *esta*, *isto*; segunda pessoa, por *esse*, *essa*, *isso*; e terceira pessoa, por *aquele*, *aquela*, *aquilo*. Essa classificação reflete a organização tradicional da dêixis, em que cada forma pronominal se associa à distância entre o falante, o ouvinte e o referente.

Bechara (2009) explicita essa relação por meio de exemplos paradigmáticos: “este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; esse livro é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; aquele livro é o que se acha distante da 1.^a e da 2.^a pessoa” (Bechara, 2009, p. 200). Tais exemplos ilustram o modelo triádico de referência espacial, um dos fundamentos da gramática tradicional. Ainda que o autor reconheça a existência de usos menos rígidos, a descrição mantém como eixo central a norma padrão.

Outro aspecto relevante na exposição de Bechara (2009) é a inclusão de outras formas com valor demonstrativo, como “o”, “mesmo”, “próprio”, “semelhante” e “tal”. O autor observa que essas palavras “denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente”, podendo equivaler, em determinados contextos, a *esse*, *essa*, *aquele*, *isso* ou *aquilo* (Bechara, 2009, p. 200). Nesse ponto, fica evidente o esforço do gramático em reconhecer nuances semânticas dentro do sistema demonstrativo, embora o tratamento permaneça essencialmente classificatório.

Por outro lado, ao deslocar o foco da tradição para uma abordagem centrada no funcionamento discursivo e no uso efetivo da língua, observamos que os pronomes demonstrativos adquirem estatutos teóricos que extrapolam as fronteiras rígidas. É esse movimento que caracteriza os estudos de Neves (1990) e Marine (2005), cujas contribuições se mostram fundamentais para compreender a dinâmica dos demonstrativos no português brasileiro contemporâneo. Ambas as autoras, ainda que por caminhos distintos, convergem na defesa de que a descrição gramatical só pode se consolidar plenamente quando observa o comportamento desses elementos no texto e na interação, e não apenas no interior da frase ou na relação estática entre as pessoas do discurso.

Neves (1990) estabelece uma reflexão sistemática sobre o caráter fórico de um conjunto de unidades tradicionalmente classificadas como pronomes e artigos definidos. A autora toma o texto como ponto de partida para demonstrar que certas classes só podem ser compreendidas quando se examina o modo como operam na construção da referência e da coesão. Para ela, pronomes demonstrativos, pronomes pessoais de terceira pessoa e artigos definidos formam um grupo coeso pelo comportamento fórico, isto é, pela capacidade de remeter a informações recuperáveis na situação comunicativa ou em outros pontos do texto (Neves, 1990).

Neves (1990) evidencia que o funcionamento referencial dessas unidades é mais variado e complexo e que os demonstrativos constituem uma subclasse dos itens de referência demonstrativa, dividindo-se em dois grandes grupos: a) formas seletivas, que mantêm relação direta com o sistema tripartido clássico (este/esse/aquele), pois marcam posições relativas às pessoas do discurso e b) formas não seletivas, como o artigo definido e o pronome “o”, cujo comportamento referencial não se pauta pela localização espaço-temporal, mas pela unicidade existencial e por um tipo de apreensão indireta do referente (Neves, 1990).

Do ponto de vista sintático, a autora distingue entre demonstrativos neutros (isto, isso, aquilo), que têm comportamento pronominal pleno, e demonstrativos variáveis (este, esse, aquele), que frequentemente atuam como periféricos do sintagma nominal. No plano discursivo-textual, demonstra que todos esses itens são simultaneamente capazes de desempenhar funções exofóricas, remetendo a elementos da situação comunicativa, e endofóricas, especialmente de natureza anafórica, quando retomam elementos já expressos no texto.

Enquanto Neves (1990) enfatiza o estatuto funcional dos demonstrativos e suas relações com outras classes fóricas, Marine (2005) propõe uma abordagem diacrônica e variacionista, examinando o comportamento dessas formas em jornais dos séculos XIX e XX e em revistas femininas do século XX. Seu estudo parte de uma constatação recorrente na linguística brasileira: embora a norma-padrão sustente a existência de um sistema ternário (“este”, “esse”, “aquele”) o uso real da língua indica a consolidação de um sistema binário. Contudo, a autora avança ao demonstrar que esse sistema binário não elimina nenhuma das formas tradicionais, mas as redistribui funcionalmente, produzindo um fenômeno de especialização das formas (Marine, 2005).

A análise quantitativa e qualitativa realizada por Marine (2005) revela que, ao longo do século XX, o pronome “este” perde progressivamente espaço na função anafórica, ao passo que

esse se torna o principal responsável pela referência endofórica. As ocorrências do tipo “esse + SN” ou “esse” retomando uma ideia inteira tornam-se predominantes nas décadas de 1960, 1970 e 1990, ao ponto de, neste último período, atingir mais de 90% das ocorrências anafóricas registradas (Marine, 2005).

Em contrapartida, no uso exofórico – isto é, na referência direta ao espaço ou ao tempo da enunciação, a forma “este” se mantém robusta ao longo de todo o período analisado. De modo semelhante ao inglês, que distingue *this* de *that*, o português brasileiro tende a preservar este como marcador da proximidade máxima, especialmente em contextos que exigem apontamento ou vinculação direta com o espaço físico do emissor. Assim, ao contrário do que sustentam algumas leituras tradicionais sobre o “desaparecimento de este”, Marine (2005, p. 51) demonstra que o fenômeno é mais sutil: é um recuo funcional, e não uma substituição categórica.

Castanheira (2020), ao analisar entrevistas de revistas impressas brasileiras, demonstra que os pronomes demonstrativos sozinhos, ou combinados com outros elementos, podem expressar papel encapsulador, ou seja, resumitivo. Isso indica sua riqueza textual, caracterizada por uma complexa morfossintaxe que se manifesta em diferentes posições na frase e funções sintáticas, bem como por funcionalidades discursivas diversas, como distintos papéis fóricos, graus de novidade e de subjetividade. Castanheira (2020) também defende que é preciso analisar tais usos a partir do gênero e que isso deve ser feito de modo correlacionado em uma visão funcional-textual.

Com isso, podemos dizer que tais pronomes têm sido bastante discutidos sob diferentes olhares e que é preciso considerá-los a partir das suas complexidades, o que pode ser visto nos estudos aqui discutidos e em outros, como Albuquerque e Santos (2020) e Oliveira e Matos (2021). Fica evidente, ainda, que a visão baseada no uso é complexa e que engloba vários fatores, e, por isso, é tão necessária, inclusive no ensino de língua portuguesa, ainda tão caracterizado por exemplos inventados e descontextualizados. Trabalhar os demonstrativos a partir do seu papel textual e em uma visão funcional-textual, então, é um ponto a ser feito, conforme discutiremos neste artigo e proposto também por Castanheira (2025) e Castanheira e Paim (2025).

3. Abordagem funcional-textual no ensino: leitura e análise linguística/ semiótica

Nesta seção, discutiremos o que é a abordagem funcional-textual e como essa pode ser aplicada no ensino, destacando a relação com as práticas de leitura e análise linguística/ semiótica. Inicialmente, apresentaremos os trabalhos das duas teorias e, posteriormente, sua articulação, para posteriormente discutirmos a sua relação com o ensino e com a leitura e a gramática. Isso será feito por meio dos estudos já realizados sobre o assunto e por meio também das nossas reflexões.

O Funcionalismo norte-americano se consolidou, ao longo do século XX, como uma das principais correntes da Linguística, inclusive no Brasil. O Funcionalismo parte do princípio de que a linguagem é uma atividade social e interacional, organizada para atender às necessidades comunicativas. Nessa perspectiva, a gramática é concebida como um conjunto de regularidades que se moldam a partir do discurso e da interação entre falantes (Givón, 1995; 2022). Como afirma Oliveira (2022), o foco funcionalista recai sobre a relação entre estrutura e função, isto é, sobre o modo como as formas linguísticas são motivadas pelas condições comunicativas e cognitivas em que se realizam.

A abordagem funcionalista é particularmente relevante para o ensino de Língua Portuguesa, pois permite analisar fenômenos gramaticais em sua dimensão viva, contextualizada e significativa, sem reduzi-las a categorias abstratas e fixas. No caso desta pesquisa, que se dedica ao ensino dos pronomes demonstrativos, o aporte funcionalista possibilita compreender esse recurso não apenas pela classificação pronominal, mas como mecanismo de referência e de expressão de atitudes subjetivas, aspectos centrais para a compreensão textual.

Um dos princípios fundamentais dessa vertente é a noção de que a gramática é suscetível às pressões do discurso e, portanto, os fenômenos são analisados a partir de suas funções no processo de interação. Essa perspectiva desloca o olhar da descrição abstrata para a compreensão de como os falantes utilizam a língua em situações concretas. Isso ocorre, pois, como observa Cunha (2008, p. 158), essa abordagem entende que “a língua é um instrumento interacional, um fenômeno cultural, existente para fins específicos, tendo como principal função estabelecer a comunicação entre os falantes”.

A Linguística de Texto, por sua vez, tem sido desenvolvida como um campo de estudos que busca compreender a linguagem para além da sentença, tomando o texto como unidade de análise e como evento comunicativo. Essa concepção se consolidou em diálogo com outros autores que destacaram a relação indissociável entre o cognitivo e o social no processo de

produção e compreensão textual. O contexto é concebido em múltiplas dimensões, de modo que os sentidos textuais são sempre construídos dinamicamente e não podem ser reduzidos a uma única interpretação (Koch; Elias, 2006; Pauliukonis; Cavalcante, 2018; Capistrano Júnior; Elias, 2023).

Na abordagem da Linguística de Texto, o texto é analisado a partir dos conhecimentos enciclopédicos ativados nas mentes dos falantes e, por isso, a construção de sentidos é tão complexa e relativa, já que cada um tem suas próprias experiências de mundo. A análise textual, então, engloba a combinação dos usos linguísticos às informações não ditas, implícitas nos textos. Por isso, essa visão não pode ser dissociada da situação comunicativa, já que essa é determinante para que cada palavra ou frase seja discutida discursivamente.

Castanheira (2022) argumenta que a interface entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística de Texto é possível, pois as duas teorias têm muitos pontos em comum, visto que estudam a língua em uso a partir de questões linguísticas e discursivas e, por isso, estão no “polo funcional” (Dik, 1987). Nesse entrelace, há um enfoque em questões sociocognitivas e interacionais e, por isso, a gramática é estudada de modo contextualizado e ligada aos efeitos de sentido dos elementos no texto. Por ser uma análise pragmática, todo o entorno textual deve ser considerado, o que inclui o enquadramento do gênero e do suporte textual.

No que se refere a este estudo, destacamos alguns pontos essenciais dessas teorias que nos embasam. Acerca do Funcionalismo norte-americano, enfatizamos que os pronomes demonstrativos passaram pelo processo de gramaticalização, resultando em seus usos atuais, e que podem ser marcas de (inter)subjetividade, com diferentes estatutos informacionais. Isso relaciona diretamente tal discussão aos estudos da Linguística de Texto, tendo como foco as pesquisas de referenciação. Nessa visão, a análise da referência vai muito além de “achar o referente”, englobando o processo sociocognitivo de leitura a partir das características de cada texto (Bastos, 2018; Andrade, 2019).

A interface funcional-textual no ensino de Língua Portuguesa engloba considerar o estudo da gramática de modo contextualizado por meio de exemplos reais de uso. Para isso, o texto é uma questão central, já que é nele que tais relações ocorrem e que podem ser trabalhadas a partir do gênero textual. Nesse âmbito, é central que os aspectos linguísticos sejam tratados de modo correlacionado à pragmática e, portanto, centrados no uso e na interação, com destaque para os

efeitos de sentido. Isso não significa, evidentemente, deixar a metalinguagem de lado, mas aliá-la à funcionalidade, o que pode ser feito pela integração entre leitura e análise linguística/ semiótica.

A prática de leitura implica compreender, inferir e relacionar informações, mobilizando conhecimentos prévios e estratégias cognitivas que permitem interpretar sentidos explícitos e implícitos no texto. Como lembra Freire (1995), a leitura de textos variados é condição para a formação de cidadãos críticos, uma vez que amplia horizontes e possibilita a reflexão sobre a realidade social. Nesse sentido, a leitura não se resume a reconhecer códigos, mas envolve “adentrar o texto”, interpretando também o que não está dito (Silva, 1988).

A distinção entre “leitor” e “ledor”, retomada em variados estudos e apresentada por Silva (1988), é central para compreender o papel da leitura na escola. O leitor é aquele que interage ativamente com o texto, produzindo inferências, estabelecendo relações intertextuais e analisando criticamente os recursos discursivos. Já o ledor se limita à superfície textual, reproduzindo informações de modo mecânico, sem ultrapassar a linearidade. A escola e os docentes de Língua Portuguesa, portanto, têm o desafio de formar leitores críticos, capazes de mobilizar conhecimentos linguísticos, pragmáticos e sociocognitivos para construir sentidos. Koch e Elias (2006, p. 21) observam que “a leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo”, enfatizando a inseparabilidade entre linguagem, experiência e a cognição.

Desse modo, a prática de leitura deve ser concebida em etapas, contemplando atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura. A primeira envolve a ativação de conhecimentos prévios e a formulação de hipóteses; a segunda, a exploração do texto em sua materialidade linguística e discursiva; a terceira, a ampliação dos sentidos por meio da relação com outros textos, gêneros e contextos (Santos; Riche; Teixeira, 2025). Essa organização didática é essencial para que o processo de leitura vá além da identificação e da decodificação de informações explícitas, alcançando níveis de compreensão que envolvem inferência, crítica e reflexão.

Convergente a esse movimento, a análise linguística/semiótica surge como proposta que busca integrar gramática e leitura em práticas de reflexão sobre o funcionamento da língua. Diferentemente da visão tradicional de ensino de gramática, centrada na memorização de regras, voltada exclusivamente para a classificação de estruturas, a análise linguística/semiótica assume caráter produtivo e reflexivo. Embora presente desde os estudos precursores de Geraldi

([1984]2011) e de trabalhos de Mendonça (2006), Bezerra e Reinaldo (2013) e vários outros autores, passou, nos últimos anos, por uma ampliação com a ideia das múltiplas semioses.

Isso se deve, dentre outros fatores, às reflexões da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), em que são discutidos, de modo mais sistemáticos, os elementos multimodais, como a imagem, a cor e o som no ensino. Isso faz com que o escopo seja maior e que haja novas teorizações sobre o assunto, bem como possibilita a sistematização de questões antes percebidas, mas não tão discutidas, sobretudo nos textos que tipicamente são compostos por imagens, como as tiras cômicas, os memes e as charges (Santos; Riche; Teixeira, 2025).

A prática de análise linguística/ semiótica possibilita ao estudante compreender a língua como instrumento de interação, considerando suas variedades, seus usos e seus efeitos de sentido. Por meio de uma gramática mais reflexiva, que prioriza a observação dos efeitos produzidos pelos recursos linguísticos em textos reais, é adotado um novo olhar. Isso significa, por exemplo, como o emprego de determinados pronomes, tempos verbais ou conectivos altera a progressão textual, contribui para a referência e marca atitudes mais subjetivas. Essa abordagem permite que os estudantes percebam que a gramática não é um conjunto de regras essencialmente fixas, mas um sistema dinâmico em permanente negociação com as manifestações discursivas.

Nesta pesquisa, a articulação entre leitura e análise linguística/semiótica é essencial. Ao trabalhar com a crônica “Inimigos”, de Luis Fernando Verissimo, buscamos promover uma leitura crítica do texto, ao mesmo tempo em que refletimos sobre os usos dos pronomes demonstrativos. A análise linguística/ semiótica possibilitou investigar como expressões como “esta mulherzinha”, “essa aí” ou “aquilo” não apenas desempenham funções anafóricas e dêiticas, mas também revelam efeitos de humor, ironia e distanciamento afetivo. Nessa perspectiva, então, leitura e gramática não se dissociam. Deixamos claro, contudo, que não há imagens no texto aqui selecionado e que o uso da expressão “análise linguística/semiótica” se alinha à Base e aos estudos mais recentes de ensino.

Enfatizamos que a abordagem funcional-textual se liga à leitura e à análise linguística/ semiótica, pois, ao articular gramática e discurso, oferece um caminho para que o ensino desse seja feito de maneira mais reflexiva, permitindo que os estudantes de Língua Portuguesa percebam como escolhas formais impactam diretamente a construção dos sentidos. Sendo o texto o objeto central do ensino e as formas linguísticas como elementos que os constroem, unir leitura

e gramática em uma visão funcional-textual é uma possibilidade viável e coerente com as discussões estabelecidas nas teorias.

4. Intervenção didática: metodologia e realização

4.1. Questões metodológicas

Nesta seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos da intervenção didática realizada. A pesquisa seguiu os princípios da pesquisa-ação, compreendida como um procedimento que articula investigação, intervenção e reflexão contínua. Tal abordagem permite que o pesquisador atue simultaneamente como observador e agente no processo pedagógico, planejando, executando e avaliando estratégias didáticas em diálogo direto com o contexto escolar.

Além disso, conforme Castanheira e Cavalcante (2025), na investigação funcional-textual, a metodologia aplicada pode se relacionar a intervenções didáticas, como a aqui discutida, realizadas em salas de aula do ensino básico, acerca de elementos linguísticos ligados ao texto. Isso pode englobar questões de leitura e produção textual e ser feito com diversos fenômenos, como aqui realizamos com os pronomes demonstrativos em uma crônica, relacionado leitura e análise linguística/semiótica de modo correlacionado.

Essa intervenção ocorreu no dia cinco de julho de dois mil e vinte cinco em dois tempos de aula da turma MAM 271, correspondente ao 7º período do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *Campus Maracanã*, e foi realizada seguindo os pressupostos da abordagem funcional-textual, considerando a articulação entre leitura e análise linguística/semiótica, conforme discutido ao longo deste artigo. A escola foi escolhida por ser parte de um projeto que engloba uma parceria com a Universidade Federal Fluminense e a turma foi selecionada, pois era de Ensino Médio e o conteúdo programado tinha relação com o que pretendíamos realizar nessa proposta.

Destacamos que foram observadas diversas aulas de diferentes turmas ao longo de dois meses para que fosse possível conhecer as dinâmicas, as características, as demandas e as práticas estabelecidas em cada grupo. No geral, as turmas, incluindo a MAM 271, tinham cerca de vinte alunos, eram muito participativas, ativas, interessadas e responsáveis, com constante engajamento em sala de aula. A dinâmica de uma instituição profissionalizante possivelmente

também gerou ainda mais seriedade, dado que muitos alunos já estão no mercado de trabalho fazendo estágios em empresas ou estão desenvolvendo pesquisas na área acadêmica no IFRJ.

Para definição do que seria realizado, partimos de um projeto mais amplo sobre o uso e o ensino de pronomes, e da leitura de trabalhos anteriores sobre o tema, bem como do conteúdo programático de cada turma. Como justificativa para escolha do texto usado com os alunos, enfatizamos que partimos da pesquisa de Andrade (2019), em que a autora analisa a crônica “Inimigos”, de Verissimo. Com isso, percebemos que os usos dos pronomes demonstrativos nesse texto estavam bastante relacionados aos seus efeitos de sentido e, por isso, seria uma ótima alternativa de trabalho, por meio da referência, da informatividade e da (inter)subjetividade.

Enfatizamos que a crônica é um gênero que transita entre um possível retrato do cotidiano e a densidade subjetiva da ficção. Sua força expressiva reside na capacidade de articular a efemeridade e o duradouro, o trivial e o poético, o registro do real e a visão estética do autor. A escolha da crônica é justificada por essa natureza híbrida, capaz de aproximar os alunos do texto por meio de uma linguagem acessível, mas, ao mesmo tempo, elaborada. Os estudos de Andrade (2019) e Gomes (2010) demonstram, com clareza, tais pontos.

De acordo com Andrade (2019), esse é um gênero de fronteira, um texto “passageiro, de divagação pessoal”, caracterizado por uma linguagem voltada para o cotidiano e para as pequenas situações humanas. Em autores como Luis Fernando Verissimo, por exemplo, o humor se converte em instrumento de leitura do mundo, permitindo que o leitor reconheça a si mesmo nas situações narradas. O cronista, segundo a autora, recria o mundo real em textos curtos, acessíveis e por uma elegância que transformam o trivial em experiência estética.

Em seu estudo sobre o gênero, Gomes (2010) entende a crônica como uma forma de escrita que, mesmo nascida do espaço jornalístico, adquire densidade ao se construir como representação da experiência cotidiana. Para a autora, a crônica é um modo de dizer o mundo, em que o discurso se constrói na tensão entre o efêmero e o permanente, o particular e o universal. Gomes (2010) destaca que o cronista, ao narrar pequenos episódios da vida diária, não se limita a relatar fatos: ele produz sentidos, interpretações e afetos. Nesse processo, o texto assume um caráter reflexivo e humanizador, pois transforma o banal em tema de reflexão estética.

Para Gomes (2010), o humor é um elemento estruturante da crônica moderna, especialmente nas produções de autores como Verissimo. Essa característica torna a crônica especialmente propícia para o trabalho com a linguagem na Educação Básica, uma vez que

permite ao aluno perceber como o texto se constrói na relação entre vozes, pontos de vista e marcas linguísticas. Na obra de Verissimo, esse diálogo é acentuado pela presença de pronomes pessoais e demonstrativos, de referências diretas ao interlocutor e de construções que simulam a oralidade — recursos que colaboram para a construção irônica, íntima e crítica.

A fim de organizar nossas atividades, propomos três etapas articuladas entre si, pré-textual, textual e pós-textual, conforme as orientações metodológicas propostas por Santos, Riche e Teixeira (2025). Tudo foi pensado, elaborado, discutido e refeito ao longo de meses antes da realização. Isso possibilitou que pudéssemos pensar em estratégias adequadas e coerentes com os nossos objetivos, com o público, com a escola e com o tema abordado, inclusive remodelando muitos pontos.

4.2. Intervenção didática

A fim de organizar a nossa intervenção, estabelecemos alguns pontos que consideramos essenciais: os objetivos, os conteúdos, os recursos didáticos e as etapas da aula, conforme Quadro 1:

Quadro 1 – Pontos essenciais

Objetivos	● Ativar conhecimentos prévios acerca dos pronomes demonstrativos e do gênero crônica. ● Compreender o papel dos pronomes demonstrativos na construção de sentidos da crônica. ● Interpretar a crônica, considerando os aspectos temáticos e linguísticos. ● Refletir sobre como a linguagem pode revelar questões acerca das relações humanas. ● Apresentar/retomar a conceituação e a sistematização referente aos pronomes demonstrativos.
Conteúdos	● Pronomes demonstrativos (esta, essa, aquilo etc.) ● Gênero textual crônica
Etapas da aula	1. Atividade oral: discussão conjunta sobre os modos de tratamento.

	2. Discussão pré-textual: título da crônica, expectativas, conhecimentos prévios sobre o autor e o gênero crônica. 3. Leitura compartilhada da crônica. 4. Discussão textual: análise da relação entre os personagens, os efeitos do tempo e da linguagem. 5. Atividades textuais escritas: leitura e análise pronominal. 6. Reflexão acerca dos temas abordados e da atividade. 7. Encerramento.
Recursos didáticos	● Atividade impressa. ● Quadro branco e piloto.

A partir dessa organização, realizamos nossa aula. Na etapa pré-textual, buscamos ativar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca dos pronomes demonstrativos e antecipar a temática do texto-base, por meio de perguntas orais acerca dos modos de tratamento e referência em suas vidas pessoais, incentivando-os a refletir sobre marcas afetivas presentes nas interações cotidianas, que podem indicar a proximidade, o distanciamento e a afetividade dentro dos relacionamentos humanos. Também retomamos as características do gênero crônica, considerando sua relação com as situações do cotidiano e a sua natureza subjetiva.

Para isso, inicialmente, propusemos aos alunos que pensassem em uma pessoa querida, com quem conviviam. Em seguida, perguntamos de que modo costumam ou costumavam se referir a ela quando falam com outras pessoas, ou seja, se usam apelidos, nome próprio, ou expressões como “essa pessoa”, “ele”, “ela”, ou algo mais impessoal. Os alunos compartilharam como se referiam ou já se referiram às pessoas próximas, e quais sentimentos (positivos e/ou negativos) esses modos de tratamento expressavam. A partir disso, questionamos como o uso de determinadas expressões linguísticas pode transformar o modo como uma pessoa fala de outra e o que isso pode revelar sobre a sua relação.

Além disso, ainda em etapa pré-textual, focalizamos questões acerca da crônica e do gênero, após a entrega do material impresso, como: “Lendo o título, sobre o que vocês acham que o texto trata?”, “Vocês conhecem o autor? Se sim, quais são as suas características e textos?”, “Vocês sabem o que é uma crônica?”, “Por que vocês acham que os autores escolhem escrever crônicas a partir de relações e situações humanas consideradas banais ou rotineiras?” e “Que

valor social pode haver nisso?”. Isso possibilitou perceber os conhecimentos que os alunos já tinham sobre o tema e também auxiliou no levantamento de hipóteses sobre o texto, despertando seu interesse.

Já na etapa textual, fizemos a leitura compartilhada da crônica “Inimigos”, de Luis Fernando Verissimo, disponível na sequência.

Inimigos

O apelido de Maria Teresa, para o Norberto, era “Quequinha”. Depois do casamento sempre que queria contar para os outros uma de sua mulher, o Norberto pegava sua mão carinhosamente, e começava:

– Pois a Quequinha...

E a Quequinha, dengosa, protestava.

– Ora, Beto!

Com o passar do tempo, o Norberto deixou de chamar a Maria Teresa de Quequinha. Se ela estivesse ao seu lado e ele quisesse se referir a ela, dizia:

– A mulher aqui...

Ou, às vezes:

– Esta mulherzinha...

Mas nunca mais Quequinha.

(O tempo, o tempo. O amor tem mil inimigos, mas o pior deles é o tempo. O tempo ataca em silêncio. O tempo usa armas químicas.)

Com o tempo, Norberto passou a tratar a mulher por “Ela”.

– Ela odeia o Charles Bronson.

– Ah, não gosto mesmo.

Deve-se dizer que o Norberto, a esta altura, embora a chamasse de Ela, ainda usava um vago gesto da mão para indicá-la. Pior foi quando passou a dizer “essa aí” e a apontar com o queixo.

– Essa aí...

E apontava com o queixo, até curvando a boca com um certo desdém.

(O tempo, o tempo. O tempo captura o amor e não o mata na hora. Vai tirando uma asa, depois a outra...)

Hoje, quando quer contar alguma coisa da mulher, o Norberto nem olha na sua direção. Faz um meneio de lado com a cabeça e diz:

– Aquilo... (Verissimo, 1996. p. 70-71).

A leitura foi seguida da discussão dos elementos temáticos e dos procedimentos discursivos que estruturam o texto. Deixamos claro que, embora não existam imagens na crônica, são construídas ideias que remetem a gestos, que, ligados aos pronomes, atuam na construção dos efeitos discursivos, como o “vago gesto da mão” ligado ao pronome “ela”, o “apontar o queixo” ao dizer “essa aí” e o “meneio de lado com a cabeça”, que se combina ao uso de “aquilo”. Tais pontos ajudam na construção do desprezo do marido em relação à esposa e também na construção do distanciamento entre eles, o que reforça a ideia da análise contextualizada.

Foram analisados, ao longo da aula, de maneira integrada, tanto a história quanto o papel desempenhado pelos pronomes demonstrativos na construção dos sentidos e na progressão do distanciamento afetivo entre as personagens, o que possibilitou a integração entre a leitura e a análise linguística/semiótica. Buscamos realizar a discussão do texto, analisando, conceituando e sistematizando a categoria dos pronomes demonstrativos. Para isso, discutimos, de modo paulatino, vários pontos da crônica e debatemos como os usos linguísticos revelam as mudanças afetivas e psicológicas das personagens.

Para isso, fizemos algumas perguntas oralmente: “Qual vocês acham que é o tema do texto?” e “Como é a relação entre as personagens?”. Tal estratégia foi essencial para que a turma se integrasse ainda mais ao texto “Inimigos” e pudesse discutir e adentrar os debates estabelecidos. De modo geral, os alunos participaram ativamente das discussões e seguiram tudo que foi proposto, sendo muito engajados nos debates.

Como atividades escritas, abordamos os seguintes aspectos: (a) o papel do narrador ao longo da crônica e como ele se posiciona sobre o relacionamento do casal retratado na narrativa; (b) o papel dos elementos linguísticos para a construção do processo de transformação da relação ao longo do tempo; (c) o efeito da repetição da expressão “O tempo, o tempo...”; (d) a construção do humor por meio das mudanças na forma como Norberto se refere à esposa; (e) a identificação do pronome demonstrativo “aquilo” e a explicação sobre o seu uso no contexto da crônica. Tais atividades possibilitaram o adentramento mais crítico no texto e também a entrada via efeitos de sentido no objeto gramatical.

Após essas questões escritas, todas respondidas em sala de aula pelos alunos, apresentamos a definição de pronomes demonstrativos, já que os alunos já haviam visto tal grupo nas atividades realizadas, percebendo alguns dos seus papéis no texto. Isso foi importante para que os alunos pudessem nomear a categoria e também para que fosse rompida a ideia de que trabalhar o texto implica não discutir a gramática. Na verdade, a necessária integração entre a leitura e a análise linguística/semiótica é um caminho seguro e que demonstra produtividade, já que os alunos efetivamente conseguiram relacionar os pontos.

Com tal definição, passamos a questões mais específicas, que contemplaram os seguintes pontos: (a) a análise da expressão “Esta mulherzinha...” a partir da possível troca por outros pronomes; (b) a identificação e os efeitos de sentido das palavras ou expressões formadas pelo diminutivo; (c) a análise da expressão “essa aí” acompanhada do gesto de Norberto como

processo de intensificação; (d) a retomada da discussão do pronome “aquilo” como elemento de distanciamento entre os personagens. Com essas questões, nos aprofundamos nas relações dos pronomes demonstrativos na crônica e conseguimos demonstrar que tais usos são motivados discursivamente.

Por fim, na etapa pós-textual, realizamos a sistematização dos valores e funções dos pronomes demonstrativos, relacionando-os aos efeitos de sentido identificados ao longo da leitura e das questões respondidas pelos alunos. Nesse momento da aula, o quadro, disponível a seguir, foi um recurso didático essencial, pois realizamos, em conjunto com os estudantes, tal exercício:

Quadro 2 – Sistematização final da aula

Pronome	Papel discursivo	Exemplo de uso na crônica
Este / Esta / Isto	Proximidade física, afetiva ou discursiva em relação à pessoa que fala, ou referência ainda a ser mencionada.	“Esta mulherzinha...” “a esta altura”
Esse / Essa / Isso	Certa distância ou referência já mencionada no discurso.	“Essa aí...”
Aquele / Aquela / Aquilo	Maior afastamento físico, temporal ou afetivo em relação à pessoa que fala.	“Aquilo...”

Nessa fase, discutimos ainda como escolhas lexicais podem produzir expressividade, posicionamento e avaliação, bem como refletimos sobre o emprego dos demonstrativos em contextos cotidianos e em produções escritas formais, como as redações de vestibulares. Isso foi extremamente importante, pois dialoga diretamente com a realidade dos alunos, que, no geral, têm o objetivo de ingressar na universidade e têm contato constante com textos mais formais em sua vida profissional.

Enfatizamos, ainda, que a intervenção foi especialmente produtiva, tanto no plano pedagógico quanto no âmbito da pesquisa linguística. Ainda que o planejamento tenha sido estruturado e antecipado ao longo de meses, alguns elementos emergiram de forma não prevista,

ampliando o alcance da atividade em relação à leitura e ao aspecto humano. Não houve, de modo geral, dificuldades operacionais, resistências dos estudantes ou descompassos entre planejamento e execução; ao contrário, a proposta foi acolhida com interesse e participação ativa, o que contribuiu para o desenvolvimento fluido das etapas e para a obtenção de dados significativos.

Destacamos que a escolha da crônica “Inimigos”, motivada por seu potencial para articular referenciação, afetividade e construção discursiva (Andrade, 2019), mostrou-se particularmente eficaz. Durante a discussão, os estudantes mobilizaram não apenas suas competências de leitura, mas também experiências pessoais e situações vivenciadas por familiares, amigos ou conhecidos, o que ultrapassou nossas expectativas.

Relatos sobre desgaste emocional, afastamento afetivo, interrupção de rotinas de intimidade, perda de apelidos carinhosos e até processos de desumanização em relações amorosas revelaram que o texto funcionou como catalisador de reflexões subjetivas e ético-afetivas. Essa abertura ao compartilhamento, ainda que não prevista como objetivo explícito da atividade, aprofundou o trabalho interpretativo e evidenciou a potência do gênero crônica para provocar identificação e problematização de questões sensíveis do cotidiano.

Outro elemento inesperado diz respeito à composição da turma no dia da intervenção, marcada por uma forte assimetria de gênero: dos onze estudantes presentes, havia dez meninas. Esse perfil influenciou significativamente o teor das discussões, sobretudo porque os temas mobilizados pela crônica (afetividade, desgaste emocional e comunicação em relações íntimas) foram predominantemente interpretados a partir de perspectivas femininas.

O resultado foi um debate metaforicamente atravessado por vivências e percepções que refletem como mulheres jovens interpretam práticas afetivas e como isso ocorre atualmente. As estudantes que compartilharam suas experiências e conhecimentos foram acolhidas pela turma, o que evidenciou que a sala de aula deve ser um espaço múltiplo e multifacetado, articulando o processo de ensino-aprendizagem da língua materna com o acolhimento e a partilha entre os estudantes e os docentes.

Embora essa configuração não tenha sido planejada, contribuiu para um aprofundamento do debate, ainda que se deva reconhecer que introduziu um viés de gênero na construção coletiva dos sentidos. Esse aspecto, longe de ser uma limitação, ofereceu uma oportunidade analítica adicional, permitindo compreender como determinados usos pronominais e construções

referenciais podem ser percebidos por grupos com experiências sociais distintas. Isso ficou bem evidente, por exemplo, pela “coisificação” atribuída ao uso final de “aquilo”.

Tal questão também deve ser enfatizada para que não haja uma generalização em relação aos resultados aqui obtidos. Em outro contexto pedagógico e social, com alunos com outros perfis, possivelmente a dinâmica da aula e também a leitura do texto seriam diferentes. Como homens e mulheres tendem a experienciar suas relações afetivas de modos distintos devido às opressões de gênero, ao machismo e a outros fatores interseccionais, haver uma turma composta majoritariamente por meninas certamente impactou na condução de todo processo, mesmo que isso não tenha sido planejado previamente.

Deixamos claro, por fim, que o contexto pedagógico em que desenvolvemos o trabalho, certamente nos favoreceu, já que havia uma estrutura física adequada (sala com carteiras, quadro, piloto, apagador, projetor e ar-condicionado) e há estudantes que no geral têm um perfil mais maduro e engajado se comparados a outros da mesma idade, sobretudo por sua inserção no mercado de trabalho devido ao ensino técnico. No geral, as turmas são participativas e conseguem acompanhar as discussões propostas pelos docentes.

Para além desses fatores contingentes, a intervenção confirmou que a articulação entre leitura e análise linguística/semiótica em uma visão funcional-textual é capaz de promover engajamento, participação e construção ativa. Os estudantes demonstraram compreender que os pronomes demonstrativos não são apenas unidades classificatórias da gramática tradicional, mas elementos sensíveis ao ponto de vista, à progressão textual e às avaliações afetivas e pragmáticas das personagens. Tal percepção, explicitada nas respostas escritas e nas discussões orais dos estudantes, constitui evidência de que a abordagem funcional-textual adotada produziu deslocamentos significativos no modo como os estudantes observam a língua em uso.

Dessa forma, podemos afirmar que a intervenção cumpriu plenamente seus objetivos didáticos propostos, ao mesmo tempo em que trouxe à luz elementos inesperados, especialmente o teor emocional dos debates e o viés de gênero da turma, que enriqueceram a análise e ampliaram a compreensão do papel dos demonstrativos na construção de sentidos discursivos. Esses resultados, ao evidenciarem a boa recepção dos estudantes à proposta, reforçam a pertinência de integrar as práticas de leitura e análise linguística/semiótica em abordagens contemporâneas de ensino de língua portuguesa.

6. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo discutir uma intervenção didática acerca dos pronomes demonstrativos na crônica “Inimigos”, de Luis Fernando Verissimo, à luz da abordagem funcional-textual. Essa foi realizada no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *Campus Maracanã*, e, mais especificamente, na turma MAM271, no dia cinco de julho de dois mil e vinte cinco em dois tempos de aula. Por meio de atividades pensadas e elaboradas ao longo de meses antes da intervenção e após observação de várias turmas, realizamos nosso estudo.

Realizamos uma revisão das discussões tradicionais sobre o assunto, bem como retomamos alguns trabalhos linguísticos realizados, como Neves (1990) e Marine (2005). Isso possibilitou observar as tendências de abordagem e algumas nuances de cada pesquisa. Também percebemos que seu estatuto funcional é destacado em alguns trabalhos, indicando, inclusive, a necessidade de (re)pensar as fronteiras rígidas apresentadas muitas vezes no tratamento da temática aqui discutida.

Fundamentamos nossa pesquisa pela abordagem funcional-textual no ensino, proposta por Castanheira (2020; 2022), em que são reunidos pressupostos do Funcionalismo norte-americano e da Linguística de Texto a fim de discutir fenômenos linguísticos à luz de uma visão sociocognitiva e interacional em sala de aula. Sob esse olhar, os sentidos são construídos de modo partilhado e estudado de modo ancorado aos elementos linguísticos. No caso dos pronomes demonstrativos, percebemos que a (inter)subjetividade, a informatividade e a referenciação poderiam ser englobadas nas atividades realizadas.

Em nossa intervenção, concluímos que a proposta foi empiricamente comprovada. A observação dos resultados dos exercícios demonstrou que, quando abordados em interação com um texto significativo, os demonstrativos, combinados a outros elementos, podem mobilizar discussões que ultrapassam a classificação morfológica e alcançar questões de afetividade, posicionamento, construção discursiva de identidades e relações interpessoais. A intensidade e a profundidade do debate desenvolvido, o compartilhamento espontâneo de experiências pessoais e o engajamento coletivo nas questões demonstraram que a leitura integrada à análise linguística/semiótica contextualizada favorece a reflexão crítica e amplia a compreensão dos recursos expressivos da língua.

A intervenção também evidenciou a pertinência pedagógica de articular as etapas pré-textual, textual e pós-textual como complementares. O percurso metodológico permitiu que os estudantes ativassem conhecimentos prévios, observassem o funcionamento linguístico no texto e sistematizassem os efeitos produzidos pelos demonstrativos, relacionando-os a debates mais amplos sobre linguagem e relações. Embora a presença reduzida de alunos e a predominância feminina no grupo tenha impactado a natureza das interações, esse fator não comprometeu a intervenção.

Desse modo, nossa pesquisa demonstrou que a articulação entre leitura e análise linguística/semiótica sob um olhar funcional-textual pode ser uma ótima forma de trabalhar os pronomes demonstrativos em sala de aula. Esses resultados indicam, ainda, que são necessários novos trabalhos que abarquem essas e outras categorias gramaticais a partir dos seus efeitos de sentido, devidamente contextualizadas, discutidas e sistematizadas, sobretudo em uma visão funcional-textual.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. F. S.; SANTOS, M. C. C. L.. Os pronomes demonstrativos em contextos de uso. *Afluentes: Revista de Letras e Linguística*, v. 5, n. 15, p. 220–251, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/12538>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- ANDRADE, F. *Referenciação e humor em crônicas de Luis Fernando Verissimo*. 103 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://d9cebc07-27a2-49bd-879d-f5326cb01a45.filesusr.com/ugd/2a3f1b_9ae0a9ac215f4fc3ab3c811fe3b54bea.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2026.
- BASTOS, M. C. V. *Anáforas encapsuladoras e argumentatividade em notícias*. 142 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://d9cebc07-27a2-49bd-879d-f5326cb01a45.filesusr.com/ugd/2a3f1b_b4158ea295df4e6aaccd7254349a3e80.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2026.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Nova Jersey: Alex, 1997.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. *Análise linguística: afinal, a que se refere?* São Paulo: Cortez,

2013.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

BRASIL, MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 10 out. 2025.

CAPISTRANO JÚNIOR, R.; ELIAS, V. (Org.) *O que é e o que faz a Linguística Textual*. Natal: EDUFRN, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/1a399b86-ec4f-4e49-b90a-2a07db829d21/content>>. Acesso em 20 jan. 2026.

CASTANHEIRA, D. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://d9cebc07-27a2-49bd-879d-f5326cb01a45.filesusr.com/ugd/2a3f1b_3326742df5d249a78deda599043147c3.pdf>. Acesso em 12 jan. 2026.

CASTANHEIRA, D. Linguística de Texto e Funcionalismo Norte-Americano em diálogo: em defesa de uma agenda de pesquisas. *PERcursos Linguísticos*, v. 12, n. 31, p. 181–202, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/38661>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CASTANHEIRA, D. Pronomes demonstrativos no ensino. In: CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Funcionalismo linguístico e ensino*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025, p. 111-128. Disponível em: <https://arquivos.pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2025/09/03162342/EBOOK_Funcionalismo-linguistico-e-ensino.pdf>. Acesso em 12 jan. 2026.

CASTANHEIRA, D.; CAVALCANTE, S. A. C. Metodologia da pesquisa funcional-textual. *Revista Entrepalavras*, v. 15, p. 1-19, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.ufc.br/entrepalavras/article/view/96661>>. Acesso em 30 jul. 2026.

CASTANHEIRA, D.; PAIM, B. A abordagem sobre os pronomes demonstrativos nos livros didáticos de Ensino Médio: uma análise funcional-textual. *A COR DAS LETRAS (UEFS)*, v. 26, p. 76-96, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/12340/10069>>. Acesso em 12 jan. 2026.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016 [1985].

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157–176.

GERALDI, J. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011 [1984].

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. Functional syntax: an interview with T. Givón. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022.

GOMES, E. N. A crônica como gênero discursivo e literário: a linguagem do cotidiano em Luis Fernando Verissimo. *Revista Mulemba*, v. 2, n. 3, 2010.

KOCH, I; ELIAS, V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I; ELIAS, V. O texto na linguística textual. In: BATISTA, R. (Org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 31-44.

MARINE, T. C. O sistema dos pronomes demonstrativos no português do Brasil: uma especialização das formas. *Revista do GEL*, Araraquara, v.2, p.39–53, 2005. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/305/209>>. Acesso em: 10 out. 2025.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.) *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

NEVES, M. H. M. Palavras fóricas: alguns pronomes e os artigos definidos. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 34, 2001, p. 85-100. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3831/3538>>. Acesso em 05 nov. 2025.

OLIVEIRA, C. S.; MATOS, D. P. de. Pronomes demonstrativos: uma (re)visão pancrônica. In: MATOS, D. (Org.). *Sintaxe na linguística funcional*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021, p. 87-115.

OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional norte-americana: gramaticalização, lexicalização, reanálise e analogia. In: ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Niterói: Editora da UFF, 2022, p. 54-91. Disponível em: <<https://www.eduff.com.br/produto/introducao-a-linguistica-funcional-centrada-no-uso-e-book-pdf-680>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

PAULIUKONIS, M. A. L.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). *Texto e Ensino*. Natal: SEDIS-UFRN, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/items/39198d23-5e73-428a-9d63-bd84cf36805f>>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. M. C.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos na escola*. São Paulo: Pontes Editores, 2025.

SILVA, E. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VERISSIMO, L. F. Inimigos. In: VERISSIMO, L. F. *Novas comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 70-71.